Capítulo II — O bom Ladrão

> **Sumário.** Fuga da sagrada Família para o Egito. — Encontro com os ladrões no deserto. — Esse fato, muito verossímil em si mesmo, é atestado pela tradição. — Autoridade dessa tradição: acha-se consignada em monumentos do segundo e do terceiro século. — O que se deve pensar dos Evangelhos apócrifos. Testemunhos dos séculos posteriores: Eusébio de Alexandria, Gregório de Tours, santo Anselmo, Vicente de Beauvais. — O grande historiógrafo de Nosso Senhor, Ludolfo da Saxônia, o douto padre Orília e uma multidão de outros. — O que se passou nesse encontro. — Previdência da infinita misericórdia de Nosso Senhor.

O massacre dos Inocentes se aproximava. Entre tantas vítimas, Herodes procurava uma só. Deus, que zomba dos desígnios dos homens, salvou essa única vítima, e o régio assassino não tirou de sua barbárie outro proveito senão o horror da posteridade. Advertido por um anjo, José toma o Menino e sua Mãe, deixa a morada no silêncio da noite e dirige-se a toda pressa para o Egito.[1]

Dois caminhos podiam levar até lá: o caminho do mar e o caminho da terra. Antes de alcançar o primeiro, era preciso ir até Jope, ou arredores, e atravessar vinte léguas de país muito povoado. Era para os fugitivos correr o risco, quase certo, de serem reconhecidos e detidos. Além disso, chegados ao lugar do embarque, poderiam ver-se obrigados a esperar, talvez vários dias, a ocasião de partir: tantas horas de demora, tantos perigos. Enfim, eram necessários recursos para pagar a viagem. Ora, a sagrada Família era pobre. É até provável que o fosse mais ainda naquela circunstância. Nenhum preparativo pudera ser feito. A ordem de partida viera inesperadamente e em plena noite. Premente como um grito de alarme, respeitada como uma ordem do céu, não permitia hesitação nem demora. Essas razões, e outras ainda, não permitem supor que a sagrada Família tenha escolhido o caminho do mar.

Restava o caminho da terra; também ele tinha os seus perigos. De um lado, entre as fronteiras meridionais da Judeia e a terra do Egito, estendia-se um deserto de quarenta léguas, que era forçoso atravessar. De outro, vimos que a Palestina e as suas cercanias estavam havia muito tempo infestadas de bandoleiros. Mais do que em qualquer outra parte, devia-se naturalmente, quase diríamos infalivelmente, encontrá-los nesses lugares ermos, longe das habitações e sobretudo em meio a uma vasta solidão, passagem obrigatória das caravanas. Ali, sem receio de serem vistos nem ouvidos, podiam exercer a sua culpável e tantas vezes sanguinária profissão.

Tal foi o caminho seguido pelos ilustres fugitivos. Por isso a arte, intérprete da tradição, representa constantemente a sagrada Família fugindo por terra para o Egito. São José, apoiado com uma das mãos num bastão, conduz com a outra a modesta montaria em que está sentada a Santíssima Virgem, trazendo nos braços o Menino Jesus.

Outra tradição, da qual o século III já oferece monumentos escritos nas línguas orientais, ensina-nos que a sagrada Família não escapou ao perigo comum e foi encontrada pelos bandoleiros do deserto. Antes de relatar os pormenores desse encontro, parece-nos útil apresentar algumas provas em favor de um acontecimento que, segundo a mesma tradição, ocupa tão grande lugar na vida de são Dimas.

Que a sagrada Família, em sua fuga para o Egito, tenha sido, como tantos outros viajantes, surpreendida por ladrões: esse fato nada tem de impossível. Pode-se mesmo acrescentar que as noções históricas atrás recordadas o tornam verossímil. Sem dúvida, ele não está consignado no Evangelho; mas o silêncio dos escritores sagrados não lhe destrói a autenticidade. Muito longe disso, nem tudo está escrito no Novo Testamento. O próprio são João diz que o livro divino contém apenas uma ínfima parte dos fatos relativos a Nosso Senhor.[2] Há mesmo pontos essenciais dos quais não se encontra o mínimo vestígio. Tais são, entre outros, a substituição do sábado pelo domingo e a validade do batismo por infusão.

Aqui, como alhures, a tradição supre o silêncio do Evangelho. Desde cedo, essa tradição se fixou em monumentos escritos. São Lucas nos informa que, desde os primeiros dias do cristianismo, apareceu grande número de obras sobre a vida de Nosso Senhor.[3] Compreende-se sem custo. Segundo o relato de Eusébio, multidões inumeráveis, atraídas pela fama dos milagres do Homem-Deus, acorriam à Palestina, dos confins mais remotos da terra, para vê-lo e pedir-lhe favores.[4]

Ora, o homem é feito de tal modo que sempre e em toda parte, mesmo nos séculos de incredulidade e de materialismo, mostra-se ávido do maravilhoso. Esses peregrinos, judeus ou estrangeiros, que tinham tido a ventura de ver Jesus de Nazaré, ou que haviam conversado com os que o tinham visto, divulgaram à porfia os menores pormenores de sua vida e de seus milagres. Tal foi a origem, moralmente certa, dos numerosos escritos a que o evangelista alude.

Quais eram essas primeiras obras, cuja perda se deve deplorar? Ninguém o sabe. Pode-se ao menos afirmar que serviram de base a grande número de coletâneas de tradições evangélicas, difundidas mais tarde no Oriente e no Ocidente. Umas foram redigidas com mais piedade do que crítica. Outras, compostas ou falsificadas pelos hereges, encerravam o veneno de seus erros. Nenhuma era certamente dos autores cujo nome trazia. Em sua infalível sabedoria, a Igreja rejeitou todas elas do cânon das Sagradas Escrituras.

Mas, ao declará-las apócrifas, não teve a intenção de denunciá-las como falsas e mentirosas em tudo. Ao joio do erro acha-se misturado o bom grão da verdade. A verdade se reconhece sem custo quando a narração dos apócrifos é conforme à dos autores canônicos ou ao ensino tradicional da Igreja: o caso é bastante frequente.

Referem eles, sozinhos, particularidades relativas a Nosso Senhor, à Santíssima Virgem, aos apóstolos? Se tais particularidades nada têm de pueril nem de inverossímil, e com maior razão nada de contrário à fé; se até parecem conformes aos costumes e usos da Antiguidade, constituem como que uma tradição de segunda ordem, que de modo algum é condenada nem condenável; tradição que goza mesmo de uma autoridade relativa, sobre a qual repousam certo número de fatos que entraram, sem oposição da parte da Igreja, no domínio público.

A própria Igreja serviu-se contra os iconoclastas da carta de Abgar, embora colocada entre os apócrifos pelo papa são Gelásio.[5] No século VIII, o papa são Gregório II, que conhecia, ao que parece, o decreto de seu predecessor, não receia escrever ao imperador iconoclasta Leão, o Isáurico:

> *Enquanto Nosso Senhor percorria os arredores de Jerusalém, Abgar, rei de Edessa, tendo ouvido falar de seus milagres, escreveu-lhe uma carta. Nosso Senhor dignou-se responder-lhe de próprio punho e enviar-lhe o seu adorável retrato. Ide vós mesmo e enviai a essa santa imagem que não foi feita por mão de homem. Ali se reúnem em multidão, para orar, os povos do Oriente.*[6]

Alguns anos mais tarde, outro soberano pontífice, Adriano I, dá conta a Carlos Magno do que se passou no concílio de Roma, realizado sob Estêvão IV, e lhe diz:

> *Nosso predecessor, de santa memória, o senhor Estêvão, presidindo a esse concílio, refere grande número de testemunhos dignos de fé, que ele mesmo confirma; depois dá este ensinamento: "Mas não se deve omitir o que muitas vezes soubemos pela relação dos fiéis que vêm do Oriente. É verdade que o Evangelho não fala do que eles contam, mas isso de modo algum é incrível, dizendo o próprio Evangelista que Nosso Senhor fez muitas coisas que não estão escritas no Evangelho. Afirmam, pois, que o Redentor do gênero humano, perto do tempo de sua paixão, respondeu por carta ao rei de Edessa, que desejava vê-lo e lhe oferecia um asilo contra as perseguições dos judeus."*[7]

Vem em seguida a carta de Nosso Senhor.

Notemos que são Gregório e Adriano escreviam cartas oficiais a imperadores, dos quais um era o inimigo jurado das santas imagens. Se as cartas de Nosso Senhor e de Abgar, embora rejeitadas do cânon das Escrituras, não tivessem tido uma autoridade muito respeitável, como os soberanos pontífices teriam ousado produzi-las com segurança em favor do culto tradicional das santas imagens?

Aliás, os protestantes se mostram por vezes menos desdenhosos do que certos católicos modernos a respeito dos apócrifos. A propósito das cartas de Abgar, que nos foram conservadas por Eusébio, o douto Pearson manifesta, para com as nossas tradições primitivas, uma confiança que honra tanto a sua imparcialidade quanto a sua erudição.[8]

O sábio e prudente analista da Igreja, Barônio, não hesita em apoiar-se nos apócrifos para estabelecer, contra são Jerônimo, que o Zacarias morto pelos judeus entre o templo e o altar é Zacarias, pai de são João Batista.[9] A regra a seguir, ao citar a autoridade dos apócrifos, é a que nos indica o grande cardeal: admiti-la com prudência, *caute admittenda*; não se apegar a ela

obstinadamente, *mordicus defendi non debent*.[10] Inútil acrescentar que a nossa intenção foi conformar-nos a ela em todo o curso desta história.

> *As circunstâncias particulares contidas nos apócrifos — acrescenta Brunet —, longe de terem ficado estéreis, exerceram, durante uma longa sucessão de séculos, a mais poderosa e fecunda ação sobre o desenvolvimento da poesia e das artes. A epopeia, o drama, a pintura, a escultura da Idade Média não deixaram de ir ali haurir a mãos cheias. Pôr de lado o estudo dos evangelhos apócrifos é renunciar a descobrir as origens da arte cristã. Foram eles a fonte de onde, desde a extinção do paganismo, os artistas tiraram toda uma vasta simbólica. Diversas circunstâncias, relatadas por essas lendas e consagradas pelo pincel dos grandes mestres da escola italiana, deram lugar a atributos, a tipos que as artes do desenho reproduzem todos os dias.*[11]

Entre todas essas obras, citaremos apenas duas. Uma relata com alguns pormenores o encontro da sagrada Família com os ladrões do deserto. A outra dá o nome, tornado tradicional, dos dois ladrões do Calvário. A primeira em data é o Evangelho da Infância.[12] Remonta pelo menos ao fim do século II. Redigido primitivamente em siríaco ou em grego, foi traduzido nas diferentes línguas do Oriente e do Ocidente. Foi reencontrado no Egito, entre os coptas; nas Índias, entre os cristãos fixados nas costas do Malabar; entre os armênios e até entre os muçulmanos. Não falamos dos povos da Europa, onde edições multiplicadas o tinham tornado popular.[13]

Seja qual for o seu autor, esse escrito contém fatos perfeitamente comprovados: tais são as circunstâncias da adoração dos Magos e a causa da partida da sagrada Família para a terra do Egito.

> *Eis — diz o capítulo sétimo — o que aconteceu. Tendo nascido o Senhor Jesus em Belém, cidade da Judeia, no tempo do rei Herodes, vieram Magos da região do Oriente a Jerusalém, como o havia predito Zoradascht (Zoroastro).*[14] *E trouxeram consigo presentes, ouro, incenso e mirra, e adoraram o Menino, e lhe prestaram homenagem com seus presentes.*

E o capítulo nono:

> *Herodes, vendo que os Magos não voltavam a ele... começou a meditar em seu espírito a morte do Senhor Jesus. Então um anjo apareceu a José em sonho e lhe disse: Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e refugia-te no Egito. E ao canto do galo, José levantou-se e partiu.*

Encontram-se ali outros fatos que pertencem à tradição de segunda ordem de que falamos, como o encontro dos ladrões com a sagrada Família.

O capítulo vigésimo terceiro o descreve nestes termos:

> *Chegaram em seguida à entrada do deserto. E como souberam que estava infestado de ladrões, preparavam-se para atravessá-lo durante a noite. E eis que de súbito avistaram dois ladrões que dormiam; e junto deles viram grande número de outros ladrões, que eram os camaradas daqueles e estavam também mergulhados no sono.*

> *Esses dois ladrões chamavam-se Tito e Dúmaco.[15] O primeiro disse ao outro: "Rogo-te que deixes esses viajantes irem em paz, para que os nossos companheiros não os vejam." Recusando-se Dúmaco, Tito lhe disse: "Recebe de mim quarenta dracmas e toma o meu cinto como penhor." E o oferecia a ele, pedindo-lhe que não chamasse nem desse o alarme.*

> *Maria, vendo esse ladrão tão disposto a prestar-lhe serviço, disse-lhe: "Que Deus te sustente com a sua mão direita e te conceda a remissão de teus pecados." E o Senhor Jesus disse a sua mãe: "Dentro de trinta anos, ó minha mãe, os judeus me crucificarão, e esses dois ladrões serão postos na cruz a meu lado, Tito à minha direita e Dúmaco à minha esquerda; e naquele dia Tito estará comigo no paraíso."*

> *E tendo ele assim falado, sua mãe lhe respondeu: "Que Deus afaste de vós semelhantes coisas!" E encaminharam-se em seguida para uma cidade de ídolos.*

O segundo, e o mais célebre de todos, é o Evangelho de Nicodemos. Quase não contém frase que não se encontre, quanto ao sentido, em muitos escritores dos primeiros séculos, tais como são Cirilo de Jerusalém, são Crisóstomo, Fírmico Materno, santo Hipólito. Assim, o fundo da narração não é contestável. Redigido em sua forma atual por volta do século IV ou V, esse evangelho foi cedo difundido e apreciado em todo o Ocidente.

Gregório de Tours, Vicente de Beauvais e uma multidão de outros escritores da Idade Média recorrem frequentemente a esse escrito, cuja autoridade nunca lhes é suspeita. No Egito, Eusébio de Alexandria o comenta e analisa com enérgica confiança. Em épocas pouco distantes, o

Evangelho de Nicodemos era lido nas igrejas gregas, não como fazendo parte da Sagrada Escritura, mas como obra edificante e obra de um autor respeitável. Por isso não se pode contar o número de edições que dele foram feitas, em todas as línguas.[16]

Como o da Infância, o Evangelho de Nicodemos relata, além de fatos divinamente certos, circunstâncias alheias à narração, de resto muito rápida, dos escritores sagrados. Eis um só exemplo.

> *Jesus — diz o capítulo décimo — saiu do Pretório. E quando chegou ao lugar chamado Gólgota, os soldados o despojaram de suas vestes e o cingiram com um pano, e puseram-lhe na cabeça uma coroa de espinhos, e colocaram-lhe um caniço nas mãos, e crucificaram igualmente os dois ladrões a seu lado, Dimas à sua direita e Gestas à sua esquerda.*

Fundados nesses evangelhos, ou em monumentos hoje perdidos, numerosas testemunhas, cuja ciência e boa-fé não se podem suspeitar, transmitiram à posteridade tanto a lembrança desse memorável encontro quanto os nomes dos dois ladrões. Entre as obras de santo Agostinho há uma que traz por título: *De vita eremitica*. Durante muito tempo esse tratado foi atribuído ao grande bispo de Hipona. Com o douto padre Raynaud, nós o julgaríamos antes de santo Anselmo, arcebispo de Cantuária.[17] Seja qual for o seu autor, essa obra é muito antiga e, sobre o ponto que nos ocupa, confirma a tradição do Oriente e do Ocidente.

Eis em que termos a resume:

> *Tende por verdadeiro o que se diz: que a sagrada Família, detida pelos ladrões, deveu a sua libertação à boa vontade de um jovem. A tradição refere que era filho do chefe dos ladrões. Tendo detido os augustos viajantes, ele avistou uma criancinha no regaço de sua mãe. A majestade que brilhava no admirável rosto dessa criança o impressionou de tal modo que não duvidou de que fosse mais do que um homem; e, tomado de ternura, abraçou-a. "Ó bem-aventurado Menino — exclamou —, se algum dia se apresentar a ocasião de ter piedade de mim, lembrai-vos de mim e não vos esqueçais do encontro de hoje."*

> *A tradição sustenta que esse jovem é o ladrão que foi crucificado à direita de Jesus Cristo. Voltando-se para o Senhor, reconheceu nele o majestoso menino que vira em sua juventude. Então, recordando o seu pacto: Lembrai-vos de mim — disse-lhe —, quando estiverdes no vosso reino. Como motivo de amor, não julgo inútil servir-me dessa tradição, sem me permitir nenhuma afirmação temerária.[18]*

O douto cardeal são Pedro Damião, morto em 1072, atribui a conversão do bom ladrão às orações da Santíssima Virgem, feliz por reconhecer nele o ladrão que, no deserto, tomara a proteção da sagrada Família.[19]

O jovem ladrão completou a sua boa obra. Não só impediu que se despojassem os augustos viajantes: conduziu-os ele mesmo ao seu abrigo para ali passarem a noite, forneceu-lhes o que lhes era necessário e no dia seguinte deu-lhes uma escolta segura para acompanhá-los.

Seria longa a lista dos autores, recomendáveis por sua ciência e piedade, que se fizeram defensores da mesma tradição e a admitem sem dúvida nem reserva. Tais são em particular o bem-aventurado Tiago de Voragine, arcebispo de Gênova, o douto bispo de Equílio, Pedro de Natalibus, o grande historiógrafo de Nosso Senhor Jesus Cristo, Ludolfo da Saxônia, e o padre Orília, dos Pios Operários.

Em um de seus sermões, o primeiro se exprime assim:

> *Quando fugia para o Egito, a sagrada Família caiu nas mãos de ladrões. Um deles, encantado com a beleza do Menino, disse aos companheiros: "Digo-vos em verdade que, se Deus pudesse revestir-se de nossa carne, eu afirmaria que este menino é Deus." Essas palavras abrandaram os ladrões, que deixaram ir o Menino e sua Mãe sem lhes fazer mal algum.*[20]

Ao fato principal, o segundo acrescenta os seguintes pormenores:

> *O jovem ladrão, encantado com a beleza do menino e a doçura de sua mãe, não só se absteve de despojá-los, mas conduziu-os à sua caverna para ali passarem a noite, forneceu-lhes o que lhes era necessário e deu-lhes uma escolta para acompanhá-los.*[21]

Ludolfo da Saxônia não se afasta em nada da tradição, cujo testemunho parece ter copiado de santo Anselmo.[22]

A essas autoridades o padre Orília acrescenta a de sua erudição e de sua piedade. Não mais do que os seus predecessores, ele põe em dúvida o encontro da sagrada Família com os ladrões do deserto, nem a influência que teve na conversão do bom ladrão.

> *Eu poderia — diz — fazer longa nomenclatura dos autores que relatam o mesmo fato; mas seria fastidioso citá-los todos.*[23]

Poderia ter acrescentado que o Oriente ainda está cheio dessa tradição, à qual se apega com a firmeza, diríamos de bom grado com a imobilidade, que o caracteriza. Quanto às variantes que se notam nos relatos de nossos autores, serão de natureza a infirmar o fato principal? Não o pensamos. A crítica mesmo mais severa não faz nenhuma dificuldade em admitir, quanto ao fundo, grande número de fatos contados diversamente pelos historiadores. Tais são, para citar alguns dos mais célebres e menos contestados: a morte de César, as conquistas de Clóvis e até certas batalhas de Napoleão.

Uma prova da ordem moral pode confirmar os testemunhos da tradição. A Providência nunca tateia. Sua infinita sabedoria abrange o passado, o presente e o futuro, e sua bondade iguala a sua sabedoria. Quem sabe se não foi para fazê-las resplandecer ambas que se preparou o encontro do deserto? Quantos outros encontros não menos misteriosos achamos no Evangelho! Foi por acaso que o leproso da montanha, a Samaritana, Zaqueu, Mateus se acharam no caminho de Nosso Senhor? Cego quem não visse a misericórdia chamando a miséria, o médico indo ao encontro do doente!

Do mesmo modo, ao chamar ao seu caminho o jovem ladrão e ao inspirar-lhe um ato de humanidade, Aquele que disse: *Fui hóspede, e me recolhestes*; Aquele que não deixa sem recompensa o simples copo de água fria dado em seu nome, não teria querido depositar na alma do malfeitor o germe precioso que um dia devia desabrochar tão magnificamente sobre a cruz? Se é assim, e nada prova que seja de outro modo, encontramos desde o início motivo de admirar a misericórdia divina, da qual o bom ladrão é, sem contradição, um dos mais consoladores milagres.

Notas

[1] *Ecce angelus Domini apparuit in somnis Joseph, dicens: Surge, et accipe puerum et matrem ejus, et fuge in Ægyptum... Qui consurgens accepit puerum et matrem ejus nocte, et secessit in Ægyptum.* («Partidos que elles forão, eis-que aparecece hum anjo do Senhor em sonhos a José, e lhe disse: Levanta-te, e toma o menino, e sua mãe, e foge para o Egypto... José levantando-se, tomou de noite o menino, e sua mãe, e retirou-se para o Egypto.») Mt 2, 13-14.

[2] *Sunt autem et alia multa quæ fecit Jesus; quæ si scribantur per singula, nec ipsum arbitror mundum capere posse eos qui scribendi sunt, libros.* («Muitas outras cousas porém ha ainda, que fez Jesus: as quaes se se escrevessem huma por huma, creio que nem no mundo todo poderião caber os livros, que d'ellas se houvessem de escrever.») Jo 21, 25.

[3] *Quoniam quidem multi conati sunt ordinare narrationem, quæ in nobis completæ sunt rerum*, etc. («POIS que forão na verdade muitos os que emprehendêrão pôr em ordem a narração das cousas, que entre nós se vîrão cumpridas.») Lc 1, 1.

[4] *Domini ac Salvatoris nostri Jesu Christi divinitas, cum propter admiranda ejus opera, ubique jam celebris esset, innumerabiles ab extremis et Judæa remotissimis regionibus, morbis et cujusque doloribus afflictos spe recuperandæ salutis, attraxerat*, etc. («A divindade de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, já célebre em toda parte por causa de suas admiráveis obras, havia atraído inumeráveis pessoas, vindas das regiões mais remotas e distantes da Judeia, aflitas por doenças e

dores de toda sorte, na esperança de recobrar a saúde», etc.) *Hist.*, liv. I, cap. XIII.

[5] Ver Barônio, ano 31, n.º 60.

[6] *Cum Hierosolymis ageret Christus, Abgarus qui tunc temporis dominabatur, et rex erat urbis Edessenorum, cum Christi miracula audisset, epistolam scripsit ad Christum, qui manu sua responsum, et sacram gloriosamque faciem suam ad eum misit. Itaque ad illam non manufactam imaginem mitte et vide. Congregantur illic Orientis turbæ, et orant.* («Quando Cristo estava em Jerusalém, Abgar, que então dominava e era rei da cidade dos edessenos, tendo ouvido falar dos milagres de Cristo, escreveu-lhe uma carta; ele respondeu de próprio punho e enviou-lhe a sua sagrada e gloriosa face. Envia, pois, a essa imagem não feita por mão de homem, e vê. Ali se reúnem as multidões do Oriente, e oram.») *Epist. I ad Leon. Isaur.*

[7] *Prædecessor noster sanctæ recordationis Dominus Stephanus quondam sanctissimus Papa, in supradicto concilio præsidens, inter plurima veridica testimonia per semetipsum asserens, docuit ita: Sed nec illud est prætereundum, quod relatione fidelium, de partibus Orientis advenientium, sæpe cognovimus, in quibus licet Evangelium sileat, tamen nequaquam in omnibus incredibile fidei meritum, et hoc affirmante de ipso Evangelista: Multa quidem et alia signa fecit Jesus, quæ non sunt scripta in libro hoc; denique fertur ab asserentibus, quod Redemptor humani generis, appropinquante die passionis, cuidam regi Edessæ civitatis, desideranti illum corporaliter cernere, et ut persecutiones Judæorum fugeret, ad illum convocare, ut auditas miraculorum opiniones et sanitatum curationes sibi et populo suo impertiret, respondisset*, etc. («Nosso predecessor, de santa memória, o senhor Estêvão, santíssimo papa, presidindo ao supradito concílio, afirmando por si mesmo, entre muitos testemunhos verídicos, ensinou assim: Mas nem se deve passar em silêncio o que muitas vezes soubemos pela relação dos fiéis que vêm das partes do Oriente; ainda que nisso se cale o Evangelho, nem por isso é, em tudo, incrível, tendo o próprio Evangelista afirmado: *Muitos outros prodígios fez Jesus que não foram escritos neste livro*. Diz-se, pois, da parte dos que o afirmam, que o Redentor do gênero humano, aproximando-se o dia da paixão, respondeu a certo rei da cidade de Edessa, que desejava vê-lo corporalmente e, para fugir às perseguições dos judeus, convidava-o a ir até ele, a fim de conceder a ele e a seu povo a fama dos milagres ouvida e as curas das enfermidades», etc.) Em Barônio, ano 769, n.º 8. Ver *id.*, ano 809, n.º 17; ano 114, n.º 17, etc.

[8] *Ego vero Eusebium tanta diligentia tantoque judicio in examinandis Christianorum primævæ antiquitatis scriptis, in quibus traditionem Apostolicam contineri arbitratus est, usum fuisse contendo, ut nemo unquam de ejus fide aut de scriptis quæ ille pro indubitatis habuit, postea dubitaverit.* («Sustento, de minha parte, que Eusébio usou de tanta diligência e de tão grande critério no exame dos escritos dos cristãos da primeira Antiguidade, nos quais julgou conter-se a tradição apostólica, que ninguém jamais duvidou depois de sua fidelidade, nem dos escritos que ele teve por indubitáveis.») *Not. ad Euseb.*, liv. I, cap. XIII. Falando das cartas de Abgar e de Nosso Senhor, Barônio diz: *Papa recenset illas inter apocrypha, quasi non hagiographa: non tamen ut eas ab Ecclesia omnino proscribat, sicut nec complures alios libros quos proxime recensuit... Hæc vero non sic a nobis sunt recitata, ut apocrypha in hagiographa transferri velimus; sed... ne ea quis omnino contemnenda existimet, quæ majores complures venerati esse noscuntur.* («O papa as enumera entre os apócrifos, como não hagiógrafas, mas não para proscrevê-las de todo da Igreja,

assim como não proscreveu muitos outros livros que enumerou há pouco... Não as relatamos, porém, de modo que queiramos transferir os apócrifos para os hagiógrafos; mas... para que ninguém julgue de todo desprezível o que muitos dos antigos são conhecidos por ter venerado.») Ano 31, n.º 60.

[9] *Hæc dixerimus, quo magis nobis probetur Zachariæ necis causa a Petro allata, licet ex apocryphis accepta noscatur.* («Dissemos isto para que nos seja mais bem provada a causa da morte de Zacarias alegada por Pedro, embora se saiba tirada dos apócrifos.») Ano 1, n.º 54.

[10] Ano 48, n.º 14; ano 55, n.º 5; e *Index*, t. I, p. 265 e 304.

[11] *Evang. apocryph.*, p. V e VI; ver também Bergier, *Dict.*, art. *Apocryphes* e *Évangiles*.

[12] Brunet, *Évang. apocr.*, p. 54.

[13] Ver Brunet, *ibid.*, p. 53 e segs.

[14] Escritores orientais apresentam esse célebre personagem como tendo sido discípulo do profeta Elias. Pode-se consultar a seu respeito o douto artigo, muito extenso (66 páginas), que lhe consagrou o Sr. Parisot no vol. LII da *Biographie universelle*. (Nota de Brunet.) Zoroastro não é o único profeta da gentilidade que anunciou os acontecimentos relativos à vinda do Desejado de todas as nações.

[15] A tradição mais seguida lhes dá nomes diferentes; mas isso é um pormenor. Aliás, nada impede admitir que tenham tido vários nomes. A história profana e mesmo a história evangélica não mencionam personagens conhecidos por nomes diversos? Hoje mesmo, é raro ver, em todos os países, os debates judiciais informarem ao público que, além do nome próprio, muitos ladrões e outros reincidentes trazem nomes de guerra?

[16] Brunet, *Evang. apocr.*, p. 215-220.

[17] *Metamorphos. latr.* entre as *Oper.*, t. IX, p. 457, edição *in-fólio*, Lyon, 1665.

[18] *Opinare verum esse quod dicitur, eum a latronibus deprehensum in via, et adolescentuli cujusdam beneficio ereptum. Erat is, ut dicunt, principis latronum filius, qui præda potitus, cum parvulum in matris gremio comperisset, tanta ei in ejus speciosissimo vultu splendoris majestas apparuit, ut eum supra hominem esse non ambigens, incalescens amore complexus est. Et, oh, inquit, Beatissime parvulorum! si aliquando se tempus obtulerit mihi miserendi, tunc memento mei, et hujus temporis noli oblivisci. Ferunt hunc esse latronem qui ad Christi dexteram crucifixus, conversus ad Dominum, eum in illa quæ parvulo apparuerat intuens majestate, pacti sui non immemor: Memento, inquit, mei, cum veneris in regnum tuum. Itaque, ad incentivum amoris, non inutile arbitror hac uti opinione, remota omni affirmandi temeritate.* («Julga verdadeiro o que se diz: que ele foi surpreendido por ladrões no caminho e arrancado deles pelo favor de certo adolescente. Era este, como dizem, filho do chefe dos ladrões que, senhor da presa, ao encontrar a criancinha no regaço da mãe, viu resplandecer tamanha majestade em seu formosíssimo rosto que, não duvidando de que estava acima do homem, abraçou-o, inflamado de amor. E disse: Ó

beatíssimo dos pequeninos, se alguma vez se me oferecer o tempo de ter misericórdia, lembra-te então de mim e não te esqueças deste tempo. Contam que este é o ladrão que foi crucificado à direita de Cristo e que, voltando-se para o Senhor, contemplando nele aquela majestade que aparecera no menino, não esquecido de seu pacto, disse: Lembra-te de mim quando vieres ao teu reino. Assim, como incentivo ao amor, julgo não ser inútil servir-me desta opinião, removida toda temeridade de afirmar.») *De vit. eremit.* entre as *Opp. S. Aug.*, t. I, p. 1380, edição Gaume.

[19] Ver Brunet, *Evang. apocr.*, p. 102.

[20] *... Matrem virginem cum filio et sponso Joseph in Ægyptum proficiscentem incidisse in latrones: quorum unus pueri forma et aspectu delectatus dixit: Vere dico vobis, si fieri posset Deum carnem nostram assumere, assererem hunc puerum Deum esse. Et sic socios oratione sua placatos induxit, ut matrem et puerum illæsos dimitterent.* («... a Mãe virgem, a caminho do Egito com o Filho e o esposo José, caiu em poder de ladrões; um deles, deleitado com a beleza e o aspecto do menino, disse: Digo-vos em verdade que, se pudesse suceder que Deus assumisse a nossa carne, eu afirmaria que este menino é Deus. E assim, aplacados os companheiros por suas palavras, levou-os a deixar ir ilesos a mãe e o menino.») — *Lo che confirma il beato Giacomo da Voragine dicendo*, etc. («O que confirma o bem-aventurado Tiago de Voragine, dizendo», etc.) Serm. XLIV, *De SS. Innocent.*, apud p. Orília, p. 10.

[21] *Igitur et propter pueri speciem et matris aspectum placabilem, non solum ab eorum deprædatione abstinuit, sed etiam eos illa nocte in domum propriam introduxit et necessaria ministravit... eosdemque ad civitatem cum securo comitatu associavit.* («Assim, por causa da beleza do menino e do aspecto afável da mãe, não só se absteve de despojá-los, mas introduziu-os naquela noite em sua própria casa, forneceu-lhes o necessário... e os acompanhou até a cidade com segura escolta.») *Catalog. SS.*, liv. III, cap. CCXXVIII.

[22] Não tendo diante dos olhos o texto original, damos o texto italiano. *Oltre a ciò si dee notare, che Maria fù presa insieme col fanciullo da ladroni*, etc. («Além disso, deve-se notar que Maria foi presa com o menino pelos ladrões», etc.) Como em santo Anselmo, *De vita eremitica*, citado atrás. *Vita di Gesù Cristo*, cap. XIII, fol. 37, edição de Veneza, *in-fólio*, 1581.

[23] *Di che scriva lo stesso avvenimento potrei tesserne una ben prolissa categoria; volendo però perdonar questa volta a maggiore lunghezza, piace alla mia penna trascriver solo lo che conferma il beato Giacomo da Voragine*, etc. («Dos que escrevem o mesmo acontecimento poderia tecer uma longuíssima lista; querendo, porém, poupar desta vez maior prolixidade, apraz à minha pena transcrever apenas o que confirma o bem-aventurado Tiago de Voragine», etc.) *Riflessioni*, etc., cap. II, p. 10.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:39:41 by Admin
Updated 25 November 2026 00:39:41 by Admin